

POLACAS: UMA ANÁLISE SOBRE PROSTITUIÇÃO E TRANSGRESSÃO NA NARRATIVA DE MOACYR SCLiar E DE DALTON TREVISAN

Lunara Abadia Gonçalves Calixto (UFU)¹

Resumo: A figura da prostituta nas narrativas da literatura brasileira geralmente tem sido relacionada a um tema polêmico, tanto por abordar sobre o sexo fora dos padrões de moralidade impostos pela sociedade, como por expor uma prática que tem sido condenada em vários âmbitos, principalmente religiosos. Apresentando outro prisma da representação da prostituta, foram escolhidas duas personagens da literatura brasileira contemporânea: Esther, de *O Ciclo das Águas*, do autor Moacyr Scliar, e Polaquinha, da obra *A Polaquinha* de Dalton Trevisan. Essas personagens foram levadas à prostituição devido ao fato de se enquadrarem como *polacas* (mulheres brancas, geralmente loiras, que foram escravas sexuais de redes internacionais de prostituição), mas que escapam do padrão da prostituta do sistema patriarcal por encontrarem, exatamente nessa prática que visa ao prazer do homem, a forma de viverem livremente suas sexualidades.

Palavras-chave: Polacas; Prostituição; Transgressão.

Aparentemente, o sexo, nos dias atuais, é um assunto livre de repressões e interdições, diferentemente de séculos atrás, quando prevaleciam condenações de quaisquer atitudes discrepantes das normas sociais preestabelecidas. Entretanto, percebe-se que na contemporaneidade ocidental, quando esse assunto se direciona à prostituição, há de forma evidente, ainda, um tabu, olhares de reprovação, principalmente em instâncias que levem em conta alguma religiosidade. De acordo com Foucault (1999), impera na sociedade ocidental certas concepções disseminadas por discursos de poder que propõem algumas práticas sexuais como normais e lícitas, de maneira que “o que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotada a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (FOUCAULT, 1999, p. 36). Seguindo essas observações, a figura da prostituta ainda é corrente na sociedade contemporânea devido à existência de padrões e normas sexuais marcados pelo patriarcalismo, o qual privilegia a sexualidade masculina em detrimento da feminina. Assim, a prostituta seria necessária e “autorizada” a transgredir normas morais ao viver relações sexuais consideradas interditas para preservar as mulheres “respeitáveis”.

Dentro dessa perspectiva em que sexo e prazer feminino ainda estão condicionados a seguir determinados padrões, apresentam-se as personagens Esther, de *O Ciclo das Águas*, de Moacyr Scliar, e *A Polaquinha*, de Dalton Trevisan, mulheres que foram

¹ Graduada em Letras (UFU), Mestra em Estudos Literários (UFU). Contato: lunara_calixto@hotmail.com.

levadas a se prostituírem e que vão contra esse viés ao transgredirem a norma social ao tentarem encontrar o prazer, até mesmo na prostituição.

O livro *O Ciclo das Águas* foi publicado pela primeira vez em 1975, e foi baseado em um fato histórico: a prostituição de escravas sexuais brancas pela *Zwi Migdal*, uma organização internacional de origem judaica de tráfico de mulheres, que eram trazidas para a América, entre o final do século XIX e meados do século XX. A narrativa de Scliar também segue esse tempo cronológico. Esther é a protagonista e a sua história começa em uma pequena aldeia da Polônia Ocidental. Ela é judia, filha de um *mohel*², que a mantém em um ambiente em que se preza uma conduta de recato e submissão da mulher em relação à sua família. Esther passa por várias fases, sendo prostituta, depois uma caftina de grande poder, até chegar à velhice sozinha e demente. Essas mudanças de circunstâncias que acompanham a vida de Esther fazem alusão ao título da narrativa, ou seja, ao ciclo das águas, promovendo várias possibilidades de interpretações devido às diferentes transformações sofridas. Além disso, há a presença de simbologias, como a água, o feminino, o ciclo, dentre outros.

Com relação ao livro *A Polaquinha*, sua primeira publicação ocorre em 1985. Essa narrativa apresenta uma linguagem clara e explícita com relação aos termos sexuais mencionados, o que proporciona um efeito de percepção logo no início da leitura, como forma de provocação ao conservadorismo. A história é contextualizada em Curitiba e começa trazendo o desenvolvimento da sexualidade da protagonista, uma jovem criada em um ambiente conservador e patriarcalista, até se tornar prostituta. A personagem é descrita sem nome próprio durante toda a obra, sendo designada apenas como Polaquinha, apelido dado por um de seus amantes. Assim, tendo uma adolescência retraída e uma vida adulta plena em relações sexuais, a personagem acaba se prostituindo, por não encontrar outras perspectivas para si.

Essas duas personagens, com diferentes histórias e épocas, apresentam alguns pontos em comum. São mulheres que foram levadas a se prostituir devido à aparência que possuíam: jovens, brancas, com traços estrangeiros, o estereótipo de *polaca*. Esse termo, não utilizado como gentílico de quem nasceu na Polônia (polonês), se cristalizou no Brasil no final do século XIX para se referir, de forma pejorativa, às mulheres judias que

² Dentro do judaísmo, o *mohel* é o responsável pela realização dos preceitos religiosos, dentre eles a circuncisão.

chegavam ao Brasil para se tornarem prostitutas: “Essas mulheres, conhecidas como ‘polacas’ ou ‘francesas’, eram em grande parte, judias da Rússia, da Polônia, da Bessarábia” (SCLIAR, 1985, p. 100). A presença de judeus no Brasil agindo como proxenetas teve uma presença tão significativa que o termo cáften, que se popularizou no Brasil como “cafetão”, deriva de *caftas*, tradicional casaco longo usado por judeus do Leste Europeu (KUSHNIR, 1996, p. 68). As polacas eram consideradas exóticas no Brasil pelo fato de a maioria ser loira, de olhos claros. Algumas passavam algum tempo em Paris antes de virem para o Brasil e assim falavam francês, o que facilitava se passarem por francesas. Na verdade, havia uma distinção entre a prostituta francesa, considerada requintada, cortesã de luxo da elite, e a polaca, vista como uma versão mais barata que se aproximava desse tipo. A polaca frequentava ambientes mais pobres, o que fazia uma evidente divisão de níveis:

Entre os dois grupos, as diferenças se estabeleceram rapidamente. Havia as cocottes e as polacas. As primeiras, representavam o luxo e a ostentação. As segundas, substituindo mulatas e portuguesas, representavam a miséria. “Ser francesa” significava não necessariamente ter nascido na França, mas frequentar espaços e clientes ricos. Ser polaca significava ser produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais importantes e... pobre (DEL PRIORE, 2011, p. 60).

Outro aspecto relevante é que, como a maioria das prostitutas brasileiras no século XIX e XX era formada por negras e mulatas, as polacas eram um mercado exótico alternativo para clientes mais pobres, que não tinham condições de estarem com as francesas, como marinheiros e operários:

A atração pela “polaca”, seja ela associada às polonesas austríacas, russas ou judias, fundou-se na constituição de um imaginário voltado para a idealização das regiões distantes, povoadas por raças diferentes, onde ocorriam histórias fantásticas de nobres, num país em que, até então, grande parte das prostitutas provinha dos contingentes de escravas e ex-escravas negras, principalmente no Rio de Janeiro. (RAGO, 2008, p. 334).

A partir dessas considerações, nota-se o nítido preconceito racial com que se relegavam as prostitutas negras em posição inferior, as polacas em posição média e as francesas em posição de destaque. Com relação ao termo *polaca*, essa palavra passa então

a significar principalmente a mulher branca, loira, de origem estrangeira (ou que apresenta traços estrangeiros), que se prostitui ou que possui um comportamento sexual considerado inadequado para os parâmetros da sociedade. Essas características se manifestam nas personagens das obras aqui citadas, como se percebe a seguir.

A polaca em *O Ciclo das Águas*

A obra de Moacyr Scliar é escrita de forma não linear, apresentando vários elementos simbólicos, como a água, o movimento cíclico e seres míticos, como a sereia, que se apresenta como *alter ego* de Esther enquanto prostituta. Antes de se tornar uma “polaca”, Esther vivia em uma pobre aldeia da Polônia, de maneira simples e sob a tutela do pai, o patriarca *mohel*. Aos dezessete anos, sua vida muda ao reencontrar Mên dele, um antigo amigo da família, que a convence a “fazer a vida” na América:

Fala da vida da aldeia, pobre e monótona, e de sua vida na América: ganho, afirma, muito dinheiro; posso me casar contigo, posso te sustentar, posso te dar uma vida de rainha na América. Rainha! Rainha na América! Rainha Esther! Ela ri. Irá como ele para onde ele quiser (SCLIAR, 2002, p. 15-16).

Esther fica entusiasmada e aceita. Sob a bênção do pai, ela se casa com o rapaz, sem saber que, na verdade, ele era um proxeneta de uma organização internacional de prostituição. Mên dele não mantém relações sexuais com ela e a entrega a um homem, que a força a ter relação sexual:

Abraça-a. Beija-lhe o pescoço. Vai-te! – empurra-o. Sorrindo sempre, ele começa a desabotoar-lhe o vestido. Ela, imóvel, olha-o. Vê Mên dele, parado perto da porta, os olhos esgazeados postos nela. Estende a mão – mas o homem já a arrasta para um sofá. Mên dele, murmura. O homem deita sobre ela. Já não vê mais Mên dele. [...] Mãe, é o que ela quer gritar. Mãe. Não grita: o homem beija-a com fúria. Vira o rosto. Mas de repente já não resiste: beija-o também. Sente a mão dele entre as coxas. Estremece... (SCLIAR, 2002, p. 23-24).

Após esse episódio, em que Mên dele assiste a tudo e não esboça reação de ajudá-la, Esther passa a compreender a sua situação e muda de atitude. De mulher submissa, começa a se sobrepor, começando pela sua sexualidade, ao não mais resistir. Mên dele tenta dar uma explicação sobre os fatos quando vão viajar para a América, mas Esther já se manifesta de outra maneira:

Quis explicar o motivo da viagem, mas Esther interrompeu-o com um gesto: não queria saber mais nada. Tinha se transformado, naqueles poucos dias; sua voz se tornara baixa e rouca; no navio, andava pelo deck de cabeça erguida, arrogante, desafiadora, sorrindo para os homens. Não permitiu que Mên dele ficasse com ela no mesmo camarote: nunca se sabe, querido – disse, piscando um olho (SCLIAR, 2002, p. 26).

Como forma de tentar atingir o marido, por tê-la colocado na prostituição, Esther começa a exercer acentuadamente a sedução. Logo acontece que, na viagem rumo à América, Mên dele morre de pneumonia no navio. Ela acaba tendo relações sexuais com o médico que o atendia, e esse fato é importante para a narrativa porque é quando ela se abre sem reservas para viver a sua sexualidade:

Naquela noite não; mas na seguinte sim, dormiu com o médico, um russo simpático, de barba negra, um aristocrata que lhe sussurrava ao ouvido doces palavras em polonês, enquanto o navio cortava as ondas rumos à América. Ela mergulhava o rosto na grande, na cheirosa barba, doida de prazer, ah, meu Deus, eu não sabia que era tão bom! Turbilhão de prazer (SCLIAR, 2002, p. 29-30).

As relações sexuais vividas na prostituição afloram a busca pelo prazer. Em seguida a esse fato, Esther chega a Porto Alegre e é obrigada a ficar em um bordel. Como o papel de prostituta é imposto, quando Esther o assume, ela se torna a mulher mais desejada e a melhor prostituta do bordel: “Esther: bela, alegre, bem vestida, a mais querida do bordel” (SCLIAR, 2002, p. 39).

Estabelecida como prostituta, Esther tem que atender ao estereótipo esperado de uma polaca:

Eles aqui gostam de mulheres gordas, fortes, de coxas grossas. Ordenou-lhe que se fornisse. Esther obedeceu sem nenhuma mágoa: comia churrasco de rês gorda com muita farinha de mandioca, comia salada de batata com bastante pão, tomava cerveja. Arrematava com uma caixa de doces de Pelotas. E ficava a se palitar, satisfeita. O busto, o traseiro, arredondavam-se, apetitosos. Pintava-se muito, também. Usava pó-de-arroz Coty, um batom bem escarlate, sombras negras ao redor dos olhos. O cabelo antes, castanho, estava oxigenado e frisado (SCLIAR, 2002, p. 38).

O corpo de Esther passa então a servir como o símbolo do bordel, o cartão de visitas desse espaço, deixando de ser algo pessoal: o corpo feminino, “objetificado pelo olhar

masculino e, em muitas situações, controlado por leis ditadas pelos homens, figura a própria alienação da mulher de si mesma” (SCHMIDT, 2012, p. 07). Entretanto, para ela, a prostituição se configurava como a oportunidade de viver todo o prazer interdito às mulheres consideradas “decentes”. Embora a prostituição seja considerada uma prática que visa ao prazer masculino, para a personagem Esther, é uma circunstância que a leva a viver a sua sexualidade e a conhecer o prazer sexual.

Nesse viés, como o papel de prostituta foi imposto, Esther busca se empoderar, tornando-se caftina. Após estar em uma posição inferior, sendo a prostituta sem liberdade, quando tem condições de ascender socialmente, troca de papel com seu opositor, sendo ela agora quem comandava um bordel. No seu bordel, Esther deixa de ser a judia Esther Markowitz para se tornar a “francesa” Esther Marc, como ela passa a se apresentar. Com relação a essa mudança de nome, é possível também dizer que Esther adquire uma nova identidade na sua vida, de prostituta a caftina, reproduzindo o lugar de fala do discurso patriarcal. Além disso, ao se passar por francesa, pretende deixar a identidade de polaca para trás:

Sou francesa, dizia aos clientes mais curiosos. Esther Marc era agora o seu nome, não mais Esther Markowitz. Um advogado lhe providenciara novos papéis. Vestia-se bem: longos vestidos escuros, jóias. Um cabeleireiro vinha penteá-la todos os dias. Entre seus clientes estavam figuras de projeção: o deputado Deoclécio, filho do fazendeiro Mathias, vinha todas as sextas-feiras. Visitantes de outros Estados eram encaminhados à Casa (SCLIAR, 2002, p. 92).

No fim da narrativa, Esther, já idosa, é colocada em um asilo pelo filho, Marcos. Mesmo já apresentando sinais de demência, ainda tenta seduzir os homens que aparecem no lugar: “ — Que homem bonito! Senta aqui, querido. Vamos conversar. Como é o teu nome?” (SCLIAR, 2002, p. 153). Uma vez tendo conhecido o prazer e tendo exercido a sua sexualidade, não consegue desprender-se disso, não obstante já não ter mais suas faculdades mentais plenas.

Por fim, percebe-se que a personagem Esther é uma judia polonesa que é obrigada a se prostituir, mas encontra na prostituição tanto a glória (conhecendo o prazer, tornando-se rica e caftina) como também o declínio (a solidão e a demência). Ela transgrediu o meio patriarcal ao qual viveu por não se submeter a uma vida que previa que uma mulher na prostituição deveria apenas agradar aos homens, não procurar o prazer para si mesma.

Mesmo assim, não percebe claramente a objetificação vivida por ela, o que demonstra que embora desafiasse o patriarcalismo, não consegue se sobrepor a ele.

A polaca em *A Polaquinha*

A narrativa de Dalton Trevisan apresenta como enredo o desenvolvimento da sexualidade da protagonista, uma jovem criada em um ambiente conservador e patriarcalista, até chegar à prostituição. Percebe-se que Dalton Trevisan utiliza uma linguagem sucinta e direta ao mencionar termos sexuais, e de fato, essa temática permeia toda a narrativa, como se perceberá em alguns trechos a seguir.

Desde jovem, a personagem tinha curiosidade pelo sexo: “Morria de vontade que me pegasse no seio. Qual seria a sensação?” (TREVISAN, 1986, p. 06). Quando começa a namorar, sempre partiam dela as intenções de fazer sexo, entretanto, o namorado recusava, devido à norma moral: “Eu queria, mas ele só encostava. — Um dia eu faço. Se a gente casar.” (TREVISAN, 1986, p. 08). Nota-se nesse trecho a ideia vigente de que a mulher só poderia ter relação sexual se fosse casada. Polaquinha, porém, não fica à espera. Ao se tornar adulta, logo tem as primeiras relações sexuais com o namorado, todavia elas causam decepção: “Bem que foi uma droga: só dor, nenhum gozo. Então era isso?” (TREVISAN, 1986, p. 20).

Em busca do prazer, a protagonista passa então a se envolver com vários homens, principalmente casados: “— Ah, loirinha. Diga uma palavra só. Por você eu deixo a Lili. Esqueço meus filhos” (TREVISAN, 1986, p. 24). Entretanto, nenhum dos homens com quem se relaciona demonstra querer algo além de um caso: “ — Eu não caso, o que te acontece? Quer ser uma putinha?” (TREVISAN, 1986, p. 25).

Como se vê, a sexualidade feminina apresentada na obra de Dalton Trevisan se configura como um reflexo do que se percebe na representatividade da mulher na sociedade patriarcal brasileira, com locais bem definidos para os tipos de mulheres. Se a mulher vive sem reservas a sua sexualidade, é considerada “prostituta”: “A Virgem e a Mãe ficam em casa, local sagrado e seguro onde os homens têm o domínio das entradas e saídas. E a prostituta fica na rua, ou nos bordéis e casas de tolerância, locais onde o código da rua invade o espaço interior” (WALDMAN, 2014, p, 101).

Apesar das relações sexuais vividas, Polaquinha ainda não havia conseguido sentir prazer no ato sexual: “ — Como é o gozo? Me explique, Nando. — Quando menos espera, te acontece. Quem não conheceu, não sabe o que é. O gostinho da bolacha Maria com

geléia de uva. Como descrever?” (TREVISAN, 1986, p. 35). Vivendo mais experiências sexuais com Nando, um advogado mais velho, também casado, enfim chega ao prazer: “Dona do meu corpo já não era. Uma comichão no terceiro dedinho do pé esquerdo – nunca tinha sentido antes” (TREVISAN, 1986, p. 36).

A propósito, o apelido “Polaquinha” surge na narrativa quando conhece ela Nando: “— Polaca, eu te adoro. Ai, tanta saudade. Minha doce polaquinha” (TREVISAN, 1986, p. 35). Com efeito, o cabelo loiro dessa personagem desperta muito interesse nos homens: “— Meu sonho era ter uma loira” (TREVISAN, 1986, p. 72). Um outro apelido que é atribuído a ela por um dos amantes, Tito, é “A Miss Bundinha de Curitiba” (TREVISAN, 1986, p. 110), o que evidencia o caráter de objeto sexual que os homens a consideravam.

Após pôr um fim no relacionamento com Nando, por ele “enrolá-la” por quatro anos, Polaquinha conhece a “Tia Olga”. Olga, na verdade, era uma caftina, que convence Polaquinha a se prostituir: “— Um amigo meu. Gerente de banco. Muito discreto. Quer uma menina nova. Limpinha. Paga tudo. Pode vir? — Morrendo de medo, eu fui. Ela me instruía” (TREVISAN, 1986, p. 61). A protagonista inicia então sua vida na prostituição em esporádicos programas, a fim de pagar suas principais despesas.

O último amante com quem Polaquinha se envolve é Pedro, um motorista de ônibus, casado e com quatro filhos. A relação dos dois é conturbada, pois a personagem, a princípio, não demonstra interesse: “Dos braços de três doutores – um mísero motorista, e de ônibus? Fosse limusine. Ou táxi, ao menos” (TREVISAN, 1986, p. 75). Entretanto, a sedução que ele apresenta na fala e nos olhares são suficientes para conquistá-la, de modo que Polaquinha se submete a ele, não só sexualmente, mas também em outros âmbitos, inclusive dando presentes a ele, mesmo passando dificuldades financeiras. Todavia, ele não quer nada além de um caso: “Esse aí nunca me quis. A não ser na cama. Onde me crucifica – em todas as posições” (TREVISAN, 1986, p. 127); “Já viu, cara. A grande Miss Bundinha de Curitiba. Meu futuro com ele? O tanque de lavar roupa” (TREVISAN, 1986, p. 136). Pedro é descrito como um homem sedutor, ninfomaniaco, que se relaciona com várias mulheres, tendo quatro namoradas, além da esposa.

Após Pedro humilhar a personagens em vários momentos, Polaquinha se muda para o apartamento de Olga e começa a atender os clientes de forma integral, como se seguisse um roteiro, sem variação, a partir das lições que tem com a caftina. Dessa forma, a prostituição nessa narrativa é um exemplo que demonstra que quando uma mulher se

permite viver sua sexualidade livremente em uma sociedade patriarcal, o lugar apropriado para ela, segundo a moralidade em vigor, é o bordel.

O que encontramos neste final da narrativa é um tema fixo, uma estrutura reiterativa que exprime um mundo sem variantes, onde a aventura de conhecer não pode ser continuada. Para a Polaquinha a prostituição é o ponto final de sua trajetória em busca do prazer, do amor e de uma classe social, mas também é o único caminho que o advento de uma nova realidade lhe abriu. Sem um casamento, sem uma profissão e sem passar no vestibular, a ela resta a profissionalização sexual (NETO, 1992, p. 51).

Outra questão importante na história de Polaquinha é a ausência do nome próprio da protagonista, que acontece durante toda a narrativa, demonstrando uma redução de sua personificação. A única forma de uma tentativa de identificação é por meio da narração, que é conduzida pela própria protagonista, em forma de diálogo, em que parece estar contando sua história a alguém não identificado:

A maneira como ela narra é outro elemento importante. Embora o texto seja um monólogo, fica-nos a sugestão de um diálogo não correspondido. É como se ela falasse com um interlocutor mudo (que ouve? sem comentar nada) (NETO, 1992, p. 20).

Evidencia-se que dar voz à própria história não é suficiente para o seu empoderamento, devido ao recorrente silenciamento da voz feminina em uma sociedade machista. Assim, a partir da falta de maiores identificações da Polaquinha, percebe-se que a sua história já está julgada pelas suas ações, de modo a protagonista é reduzida uma mulher anônima, despersonalizada.

Considerações finais

As personagens das respectivas narrativas, Polaquinha e Esther, são mulheres que foram levadas à prostituição devido aos relacionamentos que viveram, e em razão da bela aparência que possuíam. Apesar de procurarem viver sem censura as suas sexualidades, ambas acabam se submetendo a um sistema misógino e cerceador, uma vez que a prostituição é o lugar designado a elas.

A “transgressão” que essas personagens cometem ao buscar o próprio prazer nas desenfreadas relações sexuais que praticam demonstra como a sexualidade feminina ainda é influenciada pelas instituições de poder:

É importante apontar para a “nossa secular transação”, essa que assegurou ao homem o papel de sedutor e à mulher, o da seduzida. [...] Não há, por conseguinte, omissão da mulher: se ela tomou a posição “passiva” [...] foi por imposição histórica. Se hoje, contudo, invertendo as posições, ela vai ao encontro do homem, não parece que o faz para “assumir” seu lugar, e sim para mostrar-lhe a ineficiência dessa “transação” (FRANCONI, 1997, p. 70-71).

Por fim, Esther e Polaquinha são definidas e condicionadas como polacas pela sociedade, mas encontram um modo de contornar o meio conservador que vieram, exercendo livremente a sexualidade, e revertendo o papel de mulher sexualmente submissa, mesmo que seja na prostituição. Porém, por ainda permanecerem em uma prática que objetifica a mulher, não conseguem se desvencilhar e ir para outros espaços sem a dominação masculina. Assim, ao tentar viver plenamente a sexualidade, o prazer, não reprimindo seus desejos, a prostituição é o que lhes resta, pois a sociedade já assinalou que, para elas, outros espaços não são permitidos.

Referências

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhaon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FRANCONI, Rodolfo A. **Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea**. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

KUSHNIR, Beatriz. **Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição: as Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua**. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1996.

NETO, Miguel Sanches. **O artifício erótico**: visitando a Polaquinha. 1992. 130f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Departamento de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Para além do dualismo natureza/cultura: Ficções do corpo feminino. **Organon**, Porto Alegre, v. 27, n. 52, jan./jun. 2012, p. 01-20. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33480/21353>>. Acesso em: 20 set. 2016.

SCLIAR, Moacyr. **A condição judaica**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. **O Ciclo das Águas**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

TREVISAN, Dalton. **A Polaquinha**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

WALDMAN, Bertha. **Ensaio sobre a obra de Dalton Trevisan**. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.